



Histórias de vida e o Vera

Um fruto da árvore chamada Vera



Elisa dos Santos Vieira

Coordenadora pedagógica (EF nível 2)



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Elisa começou a trabalhar no Vera em 1974.
Ela se despediu da Escola em 2010.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

A rebeldia necessária

Comecei o Ensino Fundamental na Escola Nazaré; depois, fui para o Rainha da Paz. Fiz o curso normal no Instituto de Educação Fernão Dias Paes, em Pinheiros. Tinha uma relação muito forte com literatura, Humanas, achava que a minha rota seria essa, mas meu pai ficou muito doente e quando teve a passagem do antigo ginásio para o colegial, minha mãe falou: “Ah, minha filha! A gente não sabe o dia de amanhã, faça o curso Normal, assim você fica com uma profissão”. Papai se recuperou, viveu muitos e muitos anos, mas fiquei comprometida com essa situação. Fiz o curso Normal pela primeira vez numa escola pública, mista. Era 1966, 65, um momento histórico muito efervescente. No Fernão, comecei a entrar em contato com os aspectos políticos da vida. E o movimento estudantil era muito forte naquela ocasião. Eu tinha alguns parentes que estavam altamente mobilizados no movimento estudantil pela luta contra a ditadura.

Comecei a participar bem ativamente do movimento estudantil ainda secundarista; a escola era um centro de acontecimentos de muitas naturezas. Mas achava tudo muito chato. Gostava muito do curso de psicologia e do de português, com uma professora muito bacana, que eu adorava. O resto eu levava na

flauta, não tinha muito interesse naquilo tudo. Comecei a achar que podia ser interessante essa dimensão da vida que envolvia o ensino da aprendizagem, mas ainda muito, muito precariamente, eu diria. O movimento político era cada vez mais forte, e o meu grupo dizia: "Elisa, você precisa entrar na universidade, estar na universidade, a gente precisa de quadros lá", já num braço da luta armada, do movimento de esquerda mais radical. Ainda estava no movimento estudantil, mas já acreditando que não teria outro caminho a não ser a revolução.

O cursinho também foi um momento muito forte, era o cursinho do grêmio da USP, e eu diria que todos os profissionais do cursinho eram militantes de algum movimento de esquerda. Lara Lavelberg, que foi mulher do Lamarca, foi minha professora; aliás, me indicou a primeira terapeuta da vida. São pessoas muito impactantes, com uma presença muito forte. E estar na universidade era um pretexto, um meio de fazer política, ainda que modestamente, mas já com muitos conflitos, muitas contradições, muitos paradoxos.

Acabei fazendo um vestibular para o curso de letras, uma forma fácil de entrar na universidade (risos). Entrei muito bem em línguas orientais, fui fazer armênio e me delicieei com o mundo da USP. As áreas de formação geral eram interessantíssimas!

Semiótica, literatura, aquelas dimensões históricas da literatura e linguagens, línguas, muito legal! Mas meu foco era fazer militância política. Até que, um belo dia, durante uma ação, estava cercada de botas e metralhadoras, de agentes da repressão. Uma coisa muito assustadora! Consegui, durante muito tempo, diante dos militares que faziam o interrogatório, fingir que eu não tinha nada a ver com aquilo, mas aí levaram minha identidade para uma outra companheira minha que tinha acabado de ser presa: "Ah, essa aqui é a Marina da VAR-Palmares." Era o meu codinome. "Está bom, sou eu" (risos), até porque eu não sabia, mas eles tinham o organograma da VAR-Palmares, com absolutamente todo mundo identificado, era uma coisa impressionante.

Fiquei lá no DOI-CODI uns 20, 30 dias. Depois, nos convocaram para fazer uma manifestação de autocrítica pública, na televisão. Tinha acabado de cair o general do 2º Exército, por conta de torturas em menores, eu já era maior, ia fazer 21 anos, mas meus companheirinhos tinham 16, 17 anos, eram todos do movimento secundarista e início do universitário.

Vi cenas tenebrosas com várias pessoas. Fico até um pouco emocionada. Era uma situação muito agressiva, muito destrutiva, por mais que eu não tenha sofrido. Mas tinha a pressão, a tortura psicológica, emocional, que é arrasadora. Tudo isso a

gente já vivia. Muito jovens, muito idealistas, muito sonhadores, querendo um lugar de fala.

Eu queria fazer alguma coisa que tivesse uma dimensão social, mas, na minha turma e no meu grupo, a área de educação era muito pouco valorizada. Não era top, nem pop. Mas fui amadurecendo esse processo e achando que essa era uma área que tinha portas e janelas para eu descortinar e conhecer. Na época, a pedagogia da USP estava muito ruim, e fui fazer a PUC. Entrei em terceiro lugar ou quarto lugar, muito bem. O curso básico era revolucionário, do meu ponto de vista, e me envolvi muito. A PUC era uma instituição muito democrática já, bem de vanguarda. Então, me senti tendo um lugar ali. Comecei a me ligar fortemente à atividade acadêmica, através de monitorias de várias áreas, tanto do básico como do curso de graduação da pedagogia. Me dava bem, minha autoestima foi ficando fortezinha (risos). Eu morava ainda na casa dos meus pais, no Alto de Pinheiros.

Uma arquitetura sedutora

Quando eu ia para a PUC, fazia um caminho que passava na [Praça Emília] Barbosa Lima. Eu olhava aquela construção, com uma placa Escola Vera Cruz. Pensei: "Nossa, uma escola

com essa arquitetura deve ser legal!". Foi a primeira leitura que fiz. Era um prédio moderno, me atraía, eu gostava bastante de coisas bonitas, de arquitetura contemporânea, e fiz essa associação. Eu saía, passava por ali, ia pela Doutor Arnaldo, pegava a Dudu [Lygia Cavalcanti, orientadora do EF nível 3] na casa dela, era minha colega desde o cursinho, uma grande amiga. Ela sempre estava na minha casa ou eu sempre na casa dela. "Eu vou te mostrar a escola quando a gente passar por lá, vamos ver o que que é isso?" Ela falou: "Vamos!". Um dia, eu parei na escola, sozinha, estava a Elza [Maria de Brito, secretária acadêmica] na Secretaria, tinha uma turma de manhã e uma turma à tarde, acho que era isso. "Olha, eu sou estudante de pedagogia e estou interessada em fazer estágio..." Isso foi em 1973, 74, talvez. Ela falou: "Ah, pois não, vou marcar uma entrevista com você". Eu falei: "Tenho uma amiga que também faz curso comigo, ela pode vir?". "Pode, pode!" Aí tivemos uma entrevista com a Peo [Maria Amélia Pinho Pereira, fundadora da Escola].

Dudu foi fazer estágio lá na Educação Infantil, e eu no Ensino Fundamental, na Avenida Brasil e na própria Praça Emília Barbosa Lima, que já tinha uma classe da Mara [Vada Lopes], uma professora que é amiga minha até hoje.

Um convite à reflexão eterna

Fui contratada como auxiliar logo depois dos primeiros meses de estágio, como auxiliar da Mara e da Deise [Asmuz] na 4ª série, na Barbosa Lima. E me apaixonei. De fato, na entrevista já me encantei com a Peo, e, depois, logo conheci a Branca [Albernaz, fundadora], que foi uma referência para mim curta no tempo, mas muito importante! E comecei a ver o quanto era possível fazer educação de qualidade e a me entusiasmar cada vez mais, me apaixonar pelo mundo infantil, o mundo da aprendizagem, do ensino. Então, fui contratada como professora logo no ano seguinte, no meio do ano; fui estagiária, auxiliar e, depois, já fui professora. Quebrei a cara várias vezes, sentei na sarjeta e disse assim: "Eu não dou pra isso, eu não presto pra isso, não!" (risos). Fiquei achando que as coisas eram meio mágicas, que a gente virava educadora de repente. Mas, com muito apoio e muito reconhecimento das minhas qualidades e dos desafios que me eram colocados, minha paixão foi se tornando cada vez mais amor, virando amor.

Fui ficando no Vera, fui professora do atual 5º ano, e era muito bom! Tenho memórias de experiências transformadoras e muito enriquecedoras, muito difíceis, muito desafiadoras, muito

cheias de vida, num lugar que permitia que a gente vivesse essa vida com todas as suas interfaces. Lembro que minha entrevista de contratação foi com a Cida Dória, uma das fundadoras do Vera, e ela me perguntava: "O que você tem assistido de teatro? Recentemente, que livros você leu? E cinema, do que você gosta?". Eu já tinha passado por algumas situações de seleção em que me perguntavam sobre a didática, Piaget, Freinet, e tinha que saber aquelas coisas, mas, aqui, eu tinha que saber de cultura. Tudo já me chamava atenção, tudo me apresentava a riqueza da Instituição e do convite à reflexão eterna, no Vera.

Eu diria que vivi os quase 30 anos de minha vida profissional de me perguntar e buscar respostas. E de construir junto visões de mundo, visões de homem, visões de sonhos.

Construção de vínculos

Aí, fui ser orientadora. Achei que a sala de aula estava se esgotando. Eu tinha feito formação para ser orientadora, acho que tinha uma expectativa de entrar na área que, na época, se chamava "técnica". E eu tinha uma fascinação por formação de professores, relação com as famílias, tinha um encantamento com isso, de entender o que são essas relações e como é o desenvolvimento da criança como um todo, de dentro da escola,

e tinha vontade de me aprofundar nisso. No Vera, a gente tinha todas as oportunidades para fazer isso. Mas acho que a sala de aula foi ficando suficiente para mim.

Casei, tive duas filhas, uma em seguida à outra, muito pequeninhas, que concorriam muito com a sala de aula. Saindo da sala de aula, você tinha muito trabalho em casa, e, na minha cabeça, o trabalho mais técnico, de orientação, me deixaria mais livre. Ledo engano. Mas a gente vai se descobrindo. Peguei uma turma de 2ª série do Verão. Sempre fui fascinada por esse período do 3º ao 5º ano. É um momento em que eles estão vindo do Verinha, e eles têm uma paixão por aprender muito forte! O mundo do conhecimento vai se escancarando de um jeito! É o deslumbramento de descobrir o que é adição, multiplicação, e você está mediando isso. Então, é muito forte. É uma fase de uma riqueza incrível. Não é muito fácil. Mas é cheia de encantos.

Esse esquema de Orientação é muito bacana, de você receber uma turma do Verinha e acompanhar essa turma, os pais dessa turma, as equipes. Essas três dimensões do trabalho são muito importantes, porque você vai conseguindo construir a coisa mais preciosa que há no Vera, que são os vínculos, as histórias cheias de significado. É impressionante, eu sabia o nome dos

alunos todos e dos pais. Tinha uma facilidade, de tão presente que era cada um deles na minha vida e na Escola.

De 1980 até 2000, fui orientadora. Gostava muito do que eu fazia. Era uma função que exigia muitas competências diferentes, porque você tinha um galho que era do trabalho com a Coordenação da Unidade, outro com os professores, as famílias, os próprios alunos, embora menos presencial no nível 2 do Fundamental, mas muito forte através da equipe de professores. Eu era uma pessoa muito forte para eles, ia muito aos recreios, convivia mais com eles. E, às vezes, era muito brava, às vezes, um coração enorme.

Como coordenadora, eu era uma presença forte. Tinha os pais que me amavam, os que me odiavam e os que me achavam mais ou menos, que eu não cheirava, nem fedia (risos). Em geral, eu sou uma pessoa que provoca grandes reações. Nada fica muito morno. Mas acho que tenho um registro mais positivo do que negativo no Vera. E ainda bem que alguém me odiava, porque tinha que me odiar mesmo (risos), porque eu não deixava nada muito barato. Isso, às vezes, trazia alguns inconvenientes, eu não era muito política nesse sentido, mas, ao mesmo tempo, eu era uma defensora, uma representante dos valores do Vera absurdamente coerente. Acho que fui uma profissional

com uma atuação muito forte em relação a essas questões de resistências internas, de composições e recomposições.

Foi uma época em que os professores das escolas particulares ganharam um pouco as ruas, organizaram greves e promoveram movimentos. No Vera, tenho hoje essa compreensão, esse registro: “Que legal que a nossa equipe é assim toda ativista. E que pepino que a gente tem que descascar” (risos) — os diretores, os sócios. Tínhamos um contrato que era sensacional, com atividades de trabalho pessoal, remuneradas, mas a gente sempre quer melhor, mais e mais, não é? Esse contexto, esse cenário, também nos mobilizava a fazer movimento nas outras escolas e agregar um fortalecimento, que também foi importante. Havia as correntes dentro do Vera, uma bobagem (risos), mas era assim que se configurava, pelo menos naquela ocasião.

Nós tínhamos dilemas horrorosos. Tinha a Lucília [Bechara, fundadora da Escola] com a matemática dela, que era um escândalo de maravilhosa; nunca esqueço o dia que entendi por que um número elevado a zero é um, e eu entendi isso ensinando potência aos meus alunos de 5ª série; descobri meio que com eles. Aquela coisa dos *insights*, que sempre era automático, mecânico, não tinha um pensamento matemático. Isso me deslumbrou. Quer dizer, eu me via sujeito de aprendizagem o

tempo todo, e promotora da aprendizagem. É uma beleza isso, de uma riqueza, uma preciosidade! É um tesouro.

O direito ao erro

Minha vida no Vera eu vejo como um tesouro precioso. Não é uma conta bancária, é assim: tem o brilhantezinho lapidado, tem a pérola, tem a água-marinha, cada coisa é muito cultivada, muito vivida. Às vezes, com emoções, e não é que era um sonho, não, os desafios muitas vezes eram grandes, difíceis. E nem sempre estávamos prontos para eles. Ou eu não estava pronta. Mas nunca me senti desamparada; mesmo se tivesse um turbilhão em relação a um aluno, por exemplo, que eu não estivesse sabendo administrar, mediar, mesmo tendo feito coisas terríveis de erradas, equivocadas (risos).

Isso era uma visão importantíssima na vida, da construção de você como ser humano, que erra, mas pode consertar. Acho que esse é um dos pilares do Vera Cruz. A gente erra, mas a gente conserta, pode refazer, e o que fica de marca faz parte também do belo que isso se tornou, é de uma dimensão, de uma humanidade muito maior do que qualquer dimensão política, cognitiva ou emocional; é de uma grandeza cósmica. Sei lá.

Filhas e netos no Vera

Minhas filhas são duas criaturas muito semelhantes, muito próximas de idade. Cresceram juntas, uma estava sempre numa série, a outra estava lá, logo em seguida. Vejo muito do Vera nelas: consciência crítica, reflexão, métodos de trabalho, organização pessoal, priorização, a percepção do outro, a autopercepção, essa busca pelo autoconhecimento, acho que é uma coisa que o Vera semeia com muito adubo.

Com meus netos, sinto diferenças! Mas sinto muitas semelhanças. É como se eu estivesse revivendo muita coisa através deles. E resgatando muitas possibilidades minhas com eles. É muito legal. Acho que tenho bastante abertura para algumas coisas, preocupações com outras, e receio da pressão deste mundo de hoje sobre as escolas, que sempre existiu em todos os momentos.

Vejo com tanta emoção o esforço do Vera de continuar dialogando com seus princípios, suas crenças, seus valores. Essa preocupação é uma preocupação minha de todo dia: manter a essência.

De certa forma, fico sempre dialogando com o que está acontecendo na Escola. Falo: "Ih, essa conta aqui de divisão no 4º ano, não está antecipando demais? Não precisava" (risos).

A gente viveu o tempo da pandemia, e eu não podia ter contato com meus netos. Antônio começando o 1º ano, alfabetização não presencial. Eu olhava as aulas de reforço e falava assim "Não, isso não tá dando certo pela tela" (risos), mas acho que não estava dando certo para ninguém, não é? Acho que estamos vivendo tempos bastante difíceis, em geral. E o Vera tem uma potência para ficar num lugar de liderança e de resistência que, às vezes, é necessário, não para ficar velho, mas para ficar inteiro, para ficar do jeito que ele tem de ser, que é o papel do Vera no mundo.

Ao mesmo tempo, essa conversa com o que está emergindo e com as demandas que estão aí, e as respostas que estão sendo dadas, do meu ponto de vista, ainda são gerais, muito precipitadas; as verdades que estão sendo declaradas: "O caminho é esse, é aquele". Espera aí, não é bem assim. E esse tempo que o Vera sempre teve desse vagar, dessa reflexão... Acho que isso não pode se perder, nunca. Fico muito feliz de ver como os professores estão mais protagonistas do que foram na minha época, por exemplo, e do que eu mesma pude promover com eles como coordenadora.

Hora de esvaziar

Eu me sentia assim: ao mesmo tempo cheia, ainda plena de coisas, mas esvaziada para propor novos caminhos, para ter

coragem, inclusive força, potência para isso. A gente vai ficando velha, querendo mais contemplar (risos) do que pôr a mão na massa. Aí, resolvi sair, porque eu não conseguiria representar com os atores, a partir daquele momento da Instituição, com a força que precisaria.

As pessoas perguntavam “O que você vai fazer?”, e eu: “Eu vou esvaziar” (risos). Porque você está tão entupida das coisas da vida, do dia a dia, de uma vida muito dinâmica, muito cheia de desafios, de conciliar coisas às vezes muito complexas. Entendo que tem um lado que era isso mesmo o que eu tinha que fazer, mas sonho com o Vera Cruz até hoje. Sonho que tem reforma, sempre uma obra acontecendo. É tão, tão sintomática essa experiência de eterna construção, de montar, desmontar, de montar, desmontar. Se eu converso sobre o Vera Cruz, tenho uma vitalidade nessa conversa que é como se eu estivesse lá dentro. É muito bacana, acho que é do tamanho dessa história, dessa admiração, desse amor e dessa identificação de minha história no Vera, de mim na história do Vera e das pessoas e dos atores todos. É um mundo de gente! Quantos seres, quantos indivíduos, entre alunos e pais e mães de alunos, um número impressionante. Outro dia, encontrei na ginástica duas pessoas, uma é mãe de dois ex-alunos meus que eu nunca mais tinha visto. Bati o olho e

falei o nome, sobrenome, mãe de quem, pai de quem, sabia tudo, e é uma emoção isso, porque são histórias de amor. A segunda experiência foi uma ex-aluna de quem eu tinha sido orientadora e que está fazendo ginástica lá. Bateu o olho em mim e falou “Elisa!”. Para mim, é impressionante!

Vera, eterno

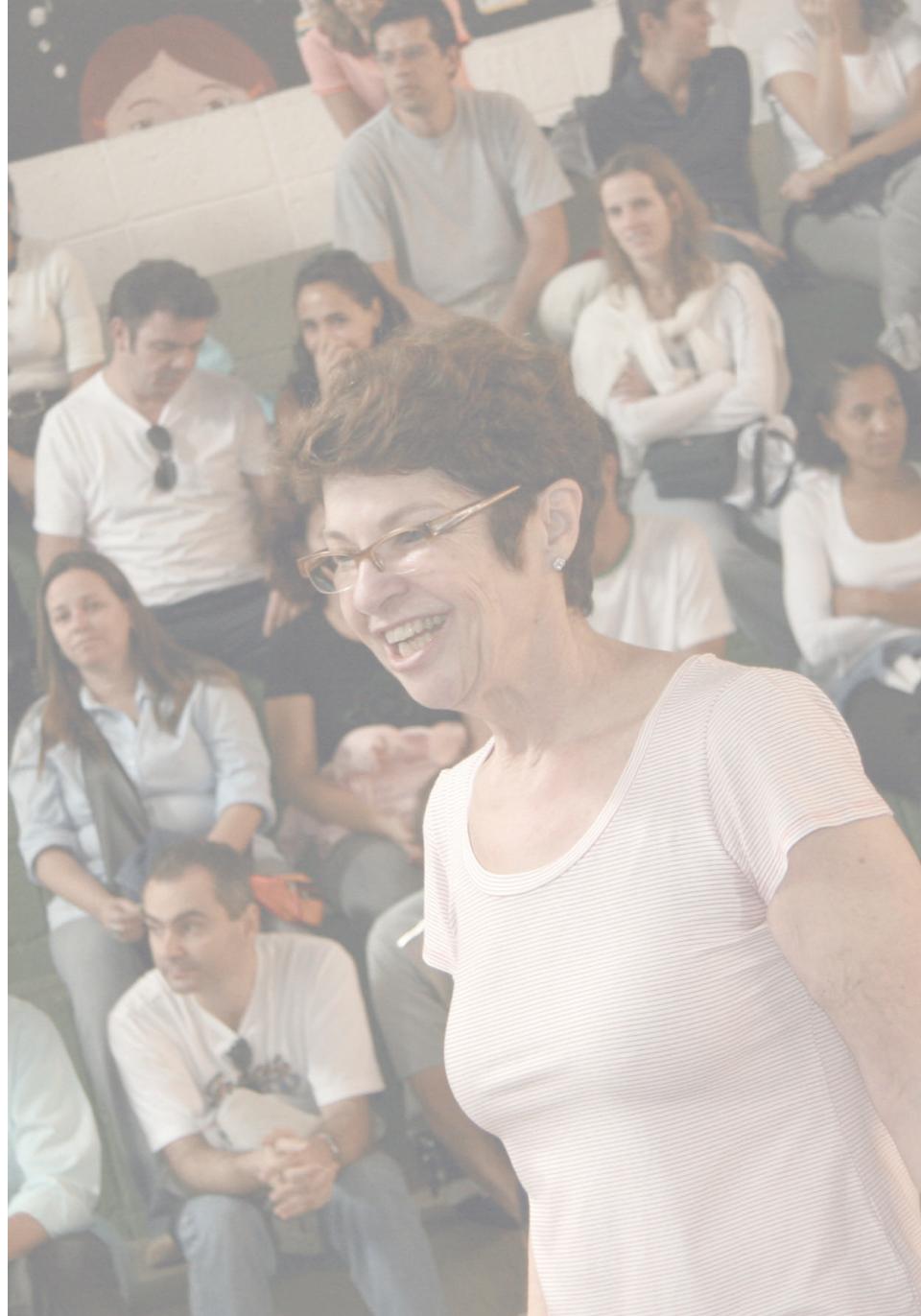
Acho que, se há algo que eu vejo como eterno e que eu torço para que seja, é o Vera. Essa dimensão do eterno para mim está muito associada ao Vera. Peo, Branca, Cida. Peguei muitas gerações de coordenadores, de diretores. Trabalhei com Stella [Mercadante], que foi minha diretora quando fui coordenadora. Foi muito rico. É uma árvore de muitos galhos. Eu só não vou dizer que é mais forte que a da minha família porque vou criar problema com a minha família, mas é, porque é maior que a da família. A árvore da família está dentro dessa árvore da minha vida no Vera.

Sou muito intensa. Ao mesmo tempo, mantenho uma distância muito legal. Não tenho vontade de voltar a trabalhar no Vera, tenho vontade de xeretar, palpitar (risos), mas, do compromisso, não dou conta, não tenho mais fôlego. Às vezes, falo para Heitor [Fecarotta, diretor geral] “Me consulta para

algumas coisas” (risos), meio que brincando. E com essa experiência de ser avó, é como se estivesse carregando de novo – a memória, o programa, a matriz. É impressionante.

Estou muito feliz de estar aqui, por exemplo, muito emocionada, é uma emoção de vida. Também tive muitos bodes com o Vera, também fui rabugenta, às vezes, criava pepinos homéricos. Nunca foi fácil, mas sempre foi muito bom, muito bom. Que bênção que eu tive, que oportunidade na vida de encontrar uma escola pelo prédio, e que sensibilidade a minha de discriminar isso como um sinal.

Acho que é um encontro com muitos desencontros, com muitos desacertos, muitos acertos, muita vida, muita vida!



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

